



CONGRESSO INTERNAZIONALE
COSTELLAZIONI EDUCATIVE - UN PATTO CON IL FUTURO
NEL 60° ANNIVERSARIO DELLA DICHIARAZIONE CONCILIARE GRAVISSIMUM
EDUCATIONIS

30/10/2025 - Auditorium Conciliazione, Roma

INTERNATIONAL CONGRESS
EDUCATIONAL CONSTELLATIONS - A PACT WITH THE FUTURE
IN THE 60TH ANNIVERSARY OF THE COUNCIL DECLARATION GRAVISSIMUM
EDUCATIONIS

Nuno Crespo

Professore presso la Scuola di Arti e ricercatore presso il CITAR (Centro di Ricerca per le Scienze e le Tecnologie delle Arti) dell'Università Cattolica del Portogallo

Professor at the School of Arts and Researcher at the CITAR (Research Center for Science and Technology of the Arts) of the Universidade Católica Portuguesa (Portugal)

Exercícios de empatia

ART CUT'26: Trienal de Arte das Universidades Católicas 2026

Cabe-me a mim a enorme honra de apresentar a primeira Trienal de Arte das Universidades Católicas: ART CUT.

Um projecto ambicioso alimentado pela convicção que as linguagens artísticas em tudo o que evoluem desde a sua pesquisa, criação, experiência e mediação são um dispositivo privilegiado para estabelecer relações, diálogos e afinidades sem impedimentos culturais, linguísticos ou políticos.

O que propomos é uma exposição, espalhada pelo mundo inteiro, que reunirá artistas que falam diferentes línguas, que desenvolvem diferentes práticas poéticas, artísticas, culturais, sociais e políticas. Comum a todos eles, é que a arte serve de veículo para uma conversa global acerca do mundo, do humano, das nossas alegrias e das nossas dores.

Este é ainda um projecto em desenvolvimento e em construção para o qual contamos com o entusiasmo, o envolvimento e a energia de todos vós. Por isso, o que vos trago é uma ideia a ser transformada em coisa real pela comunidade das universidades católicas espalhadas pelo mundo. Às minhas palavras juntam-se imagens que irão ver nos ecrãs e que são a atmosfera visual e material deste projecto.

Esta Trienal ambiciona ser uma vasta conversa, uma conversa sonhada por sua Eminência o Cardeal Tolentino de Mendonça e que se realizará em múltiplas geografias, com uma equipa curatorial vasta e em diálogo com as diversas instituições. Uma equipa coletiva para um projecto comum onde arte, educação e cultura se relacionam e mostram a sua centralidade no desenvolvimento de sociedades inteligentes, humanas e empáticas.

Porquê a arte para desenvolver estes diálogos?

Porque desde que inventámos a arte, descobrimos ser capazes não só de representar o real, mas através dessas representações comunicar e expressar o mundo, o humano e o seu espírito. Um modo de comunicação inédito, que segundo Bataille, se iniciou na gruta de Lascaux e que ainda hoje se prolonga: inacabado, activo, potente.

Um modo de dizer, amar e procurar o humano e o mundo que teve (e tem) como condição o reconhecimento do outro e da possibilidade de o poder dizer na sua singularidade irreductível.

Uma possibilidade em dizer o outro assente na capacidade de sermos capazes de estabelecer uma ligação sentimental, racional e colectiva, entre o um e o outro (qualquer outro e todos os outros). Um imperativo que resulta de um movimento não só racional, mas sentimental.

Se reconhecer o outro está na base de qualquer projecto ético e moral, isso também é a condição da arte. Como diz Walter Benjamin: a arte pressupõe sempre o todo da humanidade como seu receptor, ou seja, não pode haver arte sem relação, sem alteridade, sem que um fale e outro escute, um mostre e outro veja. Isto é, não há arte sem empatia (como Worringer tão bem descreveu.)

Claro que quando dizemos arte está implícito não nos estarmos a referir a um conjunto de objectos mais ou menos bem feitos, dos quais gostamos mais ou menos, mas coisas que misteriosamente condensam sentimentos e provocam em nós experiências sentimentais e espirituais. A arte, com todo o mistério que a envolve, é uma experiência sentimental através da qual dizemos coisas uns aos outros e que atravessam diferentes tempos, culturas e geografias. Um dizer essencial em tempos de dissensos intensos e radicais, de conversas impossíveis e de modos de vida aparentemente incompatíveis.

Partindo de um conjunto de meditações filosóficas sobre arte, literatura e música, a filósofa Martha Nussbaum mostra como as emoções provocam abalos do pensamento: *upheavals of thought*. Abalos esses que não só expandem a capacidade humana em se sentir, mas em sentir o outro.

O exercício imaginativo que fazemos para poder ler um poema, ver uma pintura, um filme ou ouvir um tema musical, implica não só activação da nossa fantasia, mas estabelecer relações entre diferentes personagens, elementos, perspectivas, modos de ver e ser. E nestas experiências diferentes o leitor, o espectador, o ouvinte de música, aprende a apreciar as vidas emocionais dos outros.

Portanto, através da arte podemos viver mais do que uma vida. Não só por causa dos movimentos da imaginação sensível que nos levam a tempos distantes, lugares desconhecidos e realidades que nunca antecipamos, mas, segundo Nussbaum, porque através da arte podemos habitar o íntimo de outros seres, sentindo-lhes os passos, os medos, os desejos, como se fossem os nossos. Ou, como disse o poeta Rilke, o movimento através do qual a poesia nos guia

permite-nos, por um momento, saltar para o centro de um ser e ver o mundo como se fôssemos ele. Não é ver através dos seres como meras janelas para o exterior, diz o poeta, mas ver a partir de dentro.

Para o poeta e para a filósofa, quando conseguimos viver essa espécie de vidas emprestadas que a arte disponibiliza, é mais difícil ver o outro como estranho, repulsivo ou hostil, mesmo quando forças e organizações políticas ou certos media pintam certos grupos e comunidades como ameaçadores.

A possibilidade de viver outra vida através da nossa imaginação não só amplia a sentimentalidade humanas, mas, como sabemos, a arte, e cito a Martha Nussbaum em *Not for Profit: Why Democracy Needs the Humanities*, ensina-nos a pensar criticamente, a analisar argumentos e a imaginar a vida através do ponto de vista de alguém que não somos nós.

Partindo deste entendimento do papel que a arte e a imaginação possuem na compreensão do outro, esta Trienal tenta ser um lugar onde se propõe exercitar a empatia, isto, exercitar a capacidade humana em: fazer nossa, a dor e a alegria dos outros.

A proposta que trazemos com esta Trienal é reunir um conjunto de exercícios de empatia em que cada obra, cada exposição, cada artista, nos conduz a práticas colectivas de empatia que são estéticas, éticas, humanas, políticas e sociais. E nos ensinam, como borda o artista brasileiro Leonilson num dos seus tecidos / pinturas, os pensamentos do coração.

A ambição enorme deste projeto é proporcional à dimensão dos abalos que as sociedades e culturas humanas têm sofrido a ponto de muitas vezes tornarem o impensável real. Por isso esta trienal encontra na prática da empatia o seu mote geral mas expande-se e declina-se em questões como:

a casa ou a necessidade da sua construção, reconstrução e encontro: Finding the Way Back Home;

o modo como a história e as histórias se inscrevem nos nossos corpos e dão testemunho dos factos do mundo: Histories of the Body;

será sobre o sono, os nossos sonhos, o que eles nos dizem acerca de nós, dos outros e dos tempos: Reclaiming Sleeping and Dreaming;

não esquecerá o exílio e a maneira como demasiados de nós têm sido forçados ao longo da história a esconder-se, exiliar-se e fugir: Forced to Flee (Exiles and Migrations);

e o modo como precisamos respirar, gritar, dizer: Having to Breathe;

mas se o mundo é esse ser que nos obriga a permanentes novas aprendizagens, novos modos de escutar, agir e viver em conjunto, ele também é o único local onde nós, enquanto seres encarnados, podemos amar e por isso esta Trienal será também sobre o amor, a amizade e a hospitalidade. Porque como tão bem viu Hannah Arendt nos seus textos sobre Santo Agostinho só o amor pode fundar as comunidades humanas, porque só o amor nos mostra o outro como objecto do nosso cuidar. Um amar que implica assumir a responsabilidade pelo mundo, pelo outro, por nós.

Se o amor e os tais pensamentos do coração percorrem muitas das obras que temos estado a ver durante esta apresentação e que apresentaremos nas nossas exposições, esta Trienal manifesta a certeza que é possível partilhar um sentir que, subterraneamente, nos liga a todos e nos faz partilhar um sentido, uma voz, um céu: o Sensus Communis;

Partilha esta só possível se defendermos que imaginar é pensar, sentir diferentemente, metamorfosear-se e ser-se outro. Por isso, esta Trienal é uma defesa da phantasia humana. Porque a phantasia lança-nos para a condição de eternos principiantes e exige termos de, permanentemente, exercitar o sentir, o pensar, o amar, ou seja, a empatia.

Todos estes modos de relação em que somos lançados através da experiência da arte – e esta é a sua pertinência espiritual, filosófica, social – implica que esta Trienal será construída através da materialização de poéticas de relação para usar o conceito do filosofo da Martinica Édouard Glissant.

Porque as obras de arte são dispositivos muito peculiares de exercícios espirituais. À maneira de Santo Inácio: cada obra é um modo particular de examinar, meditar e realizar operações espirituais através das quais compreendemos, sentimos, pensamos e experimentamos o que é ser outro, ter outro corpo, outra voz, outra língua, outra cor e tocamos naquele fundo sem tempo, sem história, sem forma, que nos faz pertencer a uma humanidade comum.

Este é um projecto enorme que encontra nas obras de arte dispositivos empáticos que é necessário activar e aos quais precisamos prestar mais atenção porque desinstala a crescente desumanização que vemos vir na nossa direcção. Uma desumanização provocada pelo crescente domínio dos mecanismos digitais, por certas forças políticas e por uma espécie de surdez que nos torna incapazes de qualquer diálogo: falamos todos como se tivéssemos a boca desdentada para usar a metáfora brutal de Wittgenstein.

Este é um projecto movido por uma enorme ambição a qual sabemos ser partilhada por todos vós e a qual só será possível cumprir com o vosso apoio, entusiasmo, empenho e trabalho. Contamos convosco.

Em nome de toda a equipa ART CUT, obrigado!

Esercizi in empatia

ART CUT'26: Triennale di Arte delle Università Cattoliche 2026

È per me un grande onore presentare la prima Triennale d'Arte delle Università Cattoliche: ART CUT. Un progetto ambizioso alimentato dalla convinzione che i linguaggi artistici, in tutto ciò che comportano – dalla ricerca alla creazione, dall'esperienza alla mediazione – siano uno strumento privilegiato per stabilire relazioni, dialoghi e affinità senza impedimenti culturali, linguistici o politici.

Ciò che proponiamo è una mostra, diffusa in tutto il mondo, che riunirà artisti che parlano lingue diverse, che sviluppano pratiche poetiche, artistiche, culturali, sociali e politiche differenti. Comune a tutti loro è il fatto che l'arte funge da veicolo per una conversazione globale sul mondo, sull'umano, sulle nostre gioie e sui nostri dolori.

Questo è ancora un progetto in via di sviluppo e costruzione, per il quale contiamo sull'entusiasmo, il coinvolgimento e l'energia di tutti voi. Perciò, quella che vi porto è un'idea da trasformare in qualcosa di reale da parte della comunità delle università cattoliche sparse per il mondo. Alle mie parole si uniscono le immagini che vedrete sugli schermi e che costituiscono l'atmosfera visiva e materiale di questo progetto.

Questa Triennale ambisce ad essere una vasta conversazione, una conversazione sognata da Sua Eminenza il Cardinale Tolentino de Mendonça e che si realizzerà in molteplici geografie, con un vasto team curatoriale e in dialogo con le diverse istituzioni. Un team collettivo per un progetto comune dove arte, educazione e cultura si relazionano e mostrano la loro centralità nello sviluppo di società intelligenti, umane ed empatiche.

Perché l'arte per sviluppare questi dialoghi?

Perché da quando abbiamo inventato l'arte, abbiamo scoperto di essere capaci non solo di rappresentare il reale, ma attraverso quelle rappresentazioni di comunicare ed esprimere il mondo, l'umano e il suo spirito. Un modo di comunicazione inedito, che secondo Bataille è iniziato nella grotta di Lascaux e che ancora oggi prosegue: incompiuto, attivo, potente.

Un modo di dire, amare e cercare l'umano e il mondo che ha avuto (ed ha) come condizione il riconoscimento dell'altro e la possibilità di poterlo esprimere nella sua irriducibile singolarità.

Una possibilità di esprimere l'altro basata sulla capacità di stabilire un legame sentimentale, razionale e collettivo, tra l'uno e l'altro (qualsiasi altro e tutti gli altri). Un imperativo che deriva da un movimento non solo razionale, ma sentimentale.

Se riconoscere l'altro è alla base di qualsiasi progetto etico e morale, questa è anche la condizione dell'arte. Come dice Walter Benjamin: l'arte presuppone sempre l'umanità intera come suo recettore, ovvero, non può esserci arte senza relazione, senz'alterità, senza che uno parli e l'altro ascolti, uno mostri e l'altro veda. Cioè, non c'è arte senza empatia (come Worringer ha così ben descritto).

Certo, quando diciamo arte è implicito che non ci riferiamo a un insieme di oggetti più o meno ben fatti, che ci piacciono più o meno, ma a cose che misteriosamente condensano sentimenti e provocano in noi esperienze sentimentali e spirituali. L'arte, con tutto il mistero che la avvolge, è un'esperienza sentimentale attraverso la quale ci diciamo cose gli uni agli altri, e che attraversano tempi, culture e geografie diverse. Un modo di esprimersi essenziale in tempi di dissensi intensi e radicali, di conversazioni impossibili e di stili di vita apparentemente incompatibili.

Partendo da un insieme di meditazioni filosofiche sull'arte, la letteratura e la musica, la filosofa Martha Nussbaum mostra come le emozioni provochino sconvolgimenti del pensiero: *upheavals of thought*. Sconvolgimenti che non solo espandono la capacità umana di "sentire sé stessi", ma anche di "sentire l'altro".

L'esercizio immaginativo che facciamo per poter leggere una poesia, vedere un dipinto, un film o ascoltare un brano musicale, implica non solo l'attivazione della nostra fantasia, ma anche lo stabilire relazioni tra diversi personaggi, elementi, prospettive, modi di vedere ed essere. E in queste diverse esperienze il lettore, lo spettatore, l'ascoltatore di musica, impara ad apprezzare le vite emotive degli altri.

Pertanto, attraverso l'arte possiamo vivere più di una vita. Non solo per i movimenti dell'immaginazione sensibile che ci portano in tempi lontani, luoghi sconosciuti e realtà che non avevamo mai previsto, ma, secondo la Nussbaum, perché attraverso l'arte possiamo abitare l'intimità di altri esseri, sentendo i loro passi, le loro paure, i loro desideri, come se fossero i nostri.

Oppure, come disse il poeta Rilke, il movimento attraverso cui la poesia ci guida ci permette, per un momento, di saltare al centro di un essere e vedere il mondo come se fossimo lui. Non è vedere attraverso gli esseri come mere finestre verso l'esterno, dice il poeta, ma vedere dall'interno.

Per il poeta e per la filosofa, quando riusciamo a vivere quella specie di vite prese in prestito che l'arte mette a disposizione, è più difficile vedere l'altro come strano, repulsivo o ostile, anche quando forze e organizzazioni politiche o certi media dipingono certi gruppi e comunità come minacciosi.

La possibilità di vivere un'altra vita attraverso la nostra immaginazione non solo amplia la sentimentalità umana, ma, come sappiamo, l'arte, e cito Martha Nussbaum in *Not for Profit: Why Democracy Needs the Humanities*, ci insegna a pensare criticamente, ad analizzare gli argomenti e a immaginare la vita attraverso il punto di vista di qualcuno che non siamo noi.

Partendo da questa comprensione del ruolo che l'arte e l'immaginazione possiedono nella comprensione dell'altro, questa Triennale cerca di essere un luogo dove si propone di esercitare l'empatia, ossia, esercitare la capacità umana di: fare nostri il dolore e la gioia degli altri.

La proposta che portiamo con questa Triennale è riunire un insieme di esercizi di empatia in cui ogni opera, ogni mostra, ogni artista, ci conduce a pratiche collettive di empatia che sono estetiche, etiche, umane, politiche e sociali. E ci insegnano, come ricama l'artista brasiliano Leonilson in uno dei suoi tessuti/dipinti, i pensieri del cuore.

L'enorme ambizione di questo progetto è proporzionale alla dimensione degli sconvolgimenti che le società e le culture umane hanno subito, al punto da rendere spesso reale l'impensabile. Per questo motivo questa triennale trova nella pratica dell'empatia il suo motto generale, che si espande e si declina in questioni come: la casa o la necessità della sua costruzione, ricostruzione e ritrovamento: *Finding the Way Back Home*; il modo in cui la storia e le storie si iscrivono nei nostri corpi e testimoniano i fatti del mondo: *Histories of the Body*; si occuperà poi del sonno, i nostri sogni, su ciò che ci dicono di noi, degli altri e dei tempi: *Reclaiming Sleeping and Dreaming*; affronterà l'esilio e il modo in cui troppi di noi sono stati costretti nel corso della storia a nascondersi, esiliarsi e fuggire: *Forced to Flee (Exiles and Migrations)*; ed il modo in cui abbiamo bisogno di respirare, gridare, dire: *Having to Breathe*;

Ma se il mondo è questo essere che ci costringe ad un apprendimento permanente, a nuovi modi di ascoltare, di agire e di vivere insieme, è anche l'unico luogo dove noi, come esseri incarnati, possiamo amare e quindi questa Triennale sarà anche di amore, amicizia e ospitalità. Perché, come ha visto bene Hannah Arendt nei suoi testi su Sant'Agostino, solo l'amore può fondare le comunità umane, perché solo l'amore ci mostra l'altro come oggetto della nostra cura. Un amare che implica assumersi la responsabilità per il mondo, per l'altro, per noi.

Se l'amore e i "pensieri del cuore" attraversano molte delle opere che abbiamo visto durante questa presentazione e che presenteremo nelle nostre mostre, questa Triennale manifesta la certezza che è possibile condividere un sentire che, sotterraneamente, ci lega tutti e ci fa condividere un senso, una voce, un cielo: il *Sensus Communis*;

Una condivisione possibile solo se difendiamo l'idea che immaginare è pensare, sentire diversamente, metamorfosizzarsi ed essere altro. Per questo, questa Triennale è una difesa della *phantasia* umana. Perché la *phantasia* ci lancia nella condizione di eterni principianti ed esige che dobbiamo permanentemente esercitare il sentire, il pensare, l'amare, ovvero l'empatia.

Tutti questi modi di relazione in cui veniamo lanciati attraverso l'esperienza dell'arte – e questa è la sua pertinenza spirituale, filosofica, sociale – implicano che questa Triennale sarà costruita attraverso la materializzazione di "poetiche della relazione", per usare il concetto del filosofo della Martinica Édouard Glissant.

Perché le opere d'arte sono dispositivi molto peculiari di esercizi spirituali. Alla maniera di Sant'Ignazio: ogni opera è un modo particolare di esaminare, meditare e compiere operazioni spirituali attraverso le quali comprendiamo, sentiamo, pensiamo e sperimentiamo cosa significa essere altro, avere un altro corpo, un'altra voce, un'altra lingua, un altro colore, e tocchiamo quel fondo senza tempo, senza storia, senza forma, che ci fa appartenere a un'umanità comune.

Questo è un progetto enorme che trova nelle opere d'arte dispositivi empatici che è necessario attivare e ai quali dobbiamo prestare più attenzione, perché smonta la crescente disumanizzazione che vediamo venire nella nostra direzione. Una disumanizzazione provocata dal crescente dominio dei meccanismi digitali, da certe forze politiche e da una specie di sordità che ci rende incapaci di qualsiasi dialogo: parliamo tutti come se avessimo la bocca sdentata, per usare la brutale metafora di Wittgenstein.

Questo è un progetto mosso da un'enorme ambizione, che sappiamo essere condivisa da tutti voi e che sarà possibile realizzare solo con il vostro sostegno, entusiasmo, impegno e lavoro. Contiamo su di voi. A nome di tutto il team ART CUT, grazie!

Exercises in empathy

ART CUT'26: Catholic Universities Art Trienal 2026

It is my great honour to present the first Triennial of Art of Catholic Universities: ART CUT.

An ambitious project fueled by the conviction that artistic languages in everything that evolves from its research, creation, experience and mediation are a privileged device to establish relations, dialogues and affinities without cultural, linguistic or political impediments.

What we propose is an exhibition, spread all over the world, that will bring together artists who speak different languages, who develop different poetic, artistic, cultural, social and political practices. Common to all of them, is that art serves as a vehicle for a global conversation about the world, the human, our joys and our pains.

This is still a project under development and construction for which we count on the enthusiasm, involvement and energy of all of you. Therefore, what I bring to you is an idea to be transformed into something real by the community of Catholic universities throughout the world. To my words are added images that you will see on the screens and that are the visual and material atmosphere of this project.

This Triennial aims to be a vast conversation, a conversation dreamed up by His Eminence Cardinal Tolentino de Mendonça and that will take place in multiple geographies, with a vast curatorial team and in dialogue with the various institutions. A collective team for a common project where art, education and culture are related and show their centrality in the development of intelligent, human and empathetic societies.

Why the art to develop these dialogues?

Because since we invented art, we discovered that we are able not only to represent the real, but through these representations communicate and express the world, the human and its spirit. An unprecedented mode of communication, which according to Bataille, began in the grotto of Lascaux and continues today: unfinished, active, powerful.

A way of saying, loving and seeking the human and the world that had (and has) as condition the recognition of the other and the possibility of being able to say it in its irreducible singularity.

A possibility in saying the other based on the ability to be able to establish a sentimental, rational and collective link between each other (any other and all others). An imperative that results from a movement not only rational, but sentimental.

If recognizing the other is at the basis of any ethical and moral project, this is also the condition of art. As Walter Benjamin says: art always assumes the whole of humanity as its receiver, that is, there can be no art without relation, without alterity, without one speaking and another listening, one showing and another seeing. That is, there is no art without empathy (as Worringer so well described.)

Of course when we say art it is implied that we are not referring to a set of objects more or less well made, which we like more or less, but things that mysteriously condense feelings and provoke in us sentimental and spiritual experiences. Art, with all the mystery that surrounds it, is a sentimental experience through which we say things to each other and that cross different times, cultures and geographies. An essential saying in times of intense and radical dissensions, impossible conversations and seemingly incompatible ways of life.

Starting from a set of philosophical meditations on art, literature and music, the philosopher Martha Nussbaum shows how emotions provoke shaking of thought: upheavals of thought. *Shocks that not only expand the human capacity to feel, but to feel the other.*

The imaginative exercise that we do to be able to read a poem, see a painting, a film or listen to a musical theme, implies not only activation of our fantasy, but establishing relationships between different characters, elements, perspectives, ways of seeing and being. And in these different experiences the reader, the spectator, the listener of music, learns to appreciate the emotional lives of others.

Therefore, through art we can live more than one life. Not only because of the movements of the sensitive imagination that take us to distant times, unknown places and realities that we never anticipate, but according to Nussbaum, because through art we can inhabit the intimate of other beings, feeling their steps, fears, desires, as if they were ours. Or, as the poet Rilke said, the movement through which poetry guides us allows us, for a moment, to jump into the center of a being and see the world as if we were him. It is not to see through the beings as mere windows to the outside, says the poet, but to see from within.

For the poet and philosopher, when we manage to live this kind due borrowed that art makes available, it is more difficult to see the other as strange, repulsive or hostile, even when forces

and political organizations or certain media paint certain groups and communities as threatening.

The possibility of living another life through our imagination not only enlarges human sentimentality, but as we know art, and I quote Martha Nussbaum in *Not for Profit: Why Democracy Needs the Humanities*, *teaches us to think critically*, to analyze arguments and imagine life through the point of view of someone who is not us.

Based on this understanding of the role that art and imagination have in understanding each other, this Triennial tries to be a place where it proposes to exercise empathy, that is, to exercise human capacity in: making ours, the pain and joy of others.

The proposal we bring with this Triennial is to gather a set of empathy exercises in which each work, each exhibition, each artist leads us to collective practices of empathy that are aesthetic, ethical, human, political and social. And teach us, as edge the Brazilian artist Leonilson in one of his fabrics/ paintings, the thoughts of the heart.

The enormous ambition of this project is proportional to the extent of the upheavals that human societies and cultures have suffered to the point of often making the unthinkable real. So this triennial finds in the practice of empathy its general motto but expands and declines in issues such as:

the house or the need for its construction, reconstruction and meeting: Finding the Way Back Home;

how history and stories are inscribed in our bodies and bear witness to the facts of the world: Histories of the Body;

will be about sleep, our dreams, what they tell us about ourselves, others and times: Reclaiming Sleeping and Dreaming;

will not forget the exile and how too many of us have been forced throughout history to hide, exile and flee: Forced to Flee (Exiles and Migrations);

and the way we need to breathe, scream, say: Having to Breathe;

But if the world is this being that forces us to permanent new learning, new ways of listening, acting and living together, it is also the only place where we, as embodied beings, can love and so this Triennial will also be about love, friendship and hospitality. Because, as Hannah Arendt so well saw in her texts on Saint Augustine, only love can found human communities, because

only love shows us the other as the object of our care. A love that implies taking responsibility for the world, for the other, for us.

If love and such thoughts of the heart run through many of the works that we have been seeing during this presentation and that we will present in our exhibitions, this Triennial expresses the certainty that it is possible to share a feeling that, underground, connects us all and makes us share a sense, a voice, a sky: the Sensus Communis;

Sharing this is only possible if we defend that imagining is thinking, feeling differently, metamorphosing and being another. Therefore, this Triennial is a defense of the human fantasy. Because the phantasia throws us into the condition of eternal beginners and requires us to permanently exercise feeling, thinking, loving, that is, empathy.

All these modes of relationship in which we are launched through the experience of art - and this is its spiritual, philosophical, social relevance - implies that this Triennial will be built through the materialization of poetics of relation to use the concept of the philosopher of Martinique Édouard Glissant.

Because the works of art are very peculiar devices of spiritual exercises. In the manner of Saint Ignatius: each work is a particular way of examining, meditating and performing spiritual operations through which we understand, feel, think and experience what it is to be another, to have another body, another voice, another language, another color and touch that background without time, without history, without form, which makes us belong to a common humanity.

This is a huge project that finds in the works of art empathic devices that it is necessary to activate and to which we need to pay more attention because it disinstalls the growing dehumanization that we see coming our way. A dehumanization caused by the growing mastery of digital mechanisms, by certain political forces and by a sort of deafness that makes us incapable of any dialogue: we all speak as if we had our mouths toothless to use Wittgenstein's brutal metaphor.

This is a project driven by an enormous ambition that we know is shared by all of you and which will only be possible with your support, enthusiasm, commitment and work. We count on you.

On behalf of the whole ART CUT team, thank you!

Exercices d'empathie

ART CUT'26: Triennale d'art des universités catholiques 2026

J'ai l'immense honneur de présenter la première Triennale d'art des universités catholiques : ART CUT.

Un projet ambitieux alimenté par la conviction que les langages artistiques dans tout ce qui évolue depuis sa recherche, création, expérience et médiation sont un dispositif privilégié pour établir des relations, dialogues et affinités sans entraves culturelles, linguistiques ou politiques.

Ce que nous proposons est une exposition, dispersée dans le monde entier, qui réunira des artistes parlant différentes langues, qui développent différentes pratiques poétiques, artistiques, culturelles, sociales et politiques. Commun à tous, c'est que l'art sert de véhicule pour une conversation globale sur le monde, l'humain, nos joies et nos peines.

C'est encore un projet en développement et en construction pour lequel nous comptons sur l'enthousiasme, la participation et l'énergie de vous tous. Ce que je vous propose est donc une idée qui doit être transformée en réalité par la communauté des universités catholiques du monde entier. A mes mots s'ajoutent des images que vous verrez sur les écrans et qui sont l'atmosphère visuelle et matérielle de ce projet.

Cette Triennale ambitionne d'être une vaste conversation, une conversation imaginée par son Éminence le Cardinal Tolentino de Mendonça et qui se déroulera dans de multiples géographies, avec une équipe curatoriale vaste et en dialogue avec les différentes institutions. Une équipe collective pour un projet commun où art, éducation et culture se relient et montrent leur centralité dans le développement de sociétés intelligentes, humaines et empathiques.

Pourquoi l'art pour développer ces dialogues ?

Parce que depuis que nous avons inventé l'art, nous avons découvert être capables non seulement de représenter le réel, mais à travers ces représentations communiquer et exprimer le monde, l'humain et son esprit. Un mode de communication inédit, qui selon Bataille, a commencé dans la grotte de Lascaux et qui se prolonge encore aujourd'hui : inachevé, actif, puissant.

Une façon de dire, d'aimer et de chercher l'humain et le monde qui a eu (et a) comme condition la reconnaissance de l'autre et la possibilité de pouvoir le dire dans sa singularité irréductible.

Une possibilité de dire l'autre repose sur la capacité d'être capable d'établir un lien sentimental, rationnel et collectif, entre l'un et l'autre (tout autre et tous les autres). Un impératif qui résulte d'un mouvement non seulement rationnel, mais sentimental.

Si reconnaître l'autre est à la base de tout projet éthique et moral, c'est aussi la condition de l'art. Comme le dit Walter Benjamin : l'art présuppose toujours le tout de l'humanité comme son récepteur, c'est-à-dire qu'il ne peut y avoir d'art sans relation, sans altérité, sans que l'un parle et l'autre écoute, l'un montre et l'autre voit. C'est-à-dire qu'il n'y a pas d'art sans empathie (comme Worringer l'a si bien décrit.)

Bien sûr, quand nous disons art, il est implicite que nous ne faisons pas référence à un ensemble d'objets plus ou moins bien faits, dont nous aimons plus ou moins, mais des choses qui condensent mystérieusement les sentiments et provoquent en nous des expériences sentimentales et spirituelles. L'art, avec tout le mystère qui l'entoure, est une expérience sentimentale à travers laquelle nous nous disons des choses les uns aux autres et qui traversent différents temps, cultures et géographies. Un dicton essentiel en temps de dissensions intenses et radicales, de conversations impossibles et de modes de vie apparemment incompatibles.

À partir d'un ensemble de méditations philosophiques sur l'art, la littérature et la musique, la philosophe Martha Nussbaum montre comment les émotions provoquent des secousses de la pensée : *upheavals of thought*. Ces bouleversements qui non seulement élargissent la capacité humaine à se sentir, mais aussi à ressentir l'autre.

L'exercice imaginaire que nous faisons pour pouvoir lire un poème, voir une peinture, un film ou écouter un thème musical implique non seulement l'activation de notre fantaisie, mais établir des relations entre différents personnages, éléments, perspectives, façons de voir et d'être. Et dans ces différentes expériences le lecteur, le spectateur, l'auditeur de musique apprend à apprécier les vies émotionnelles des autres.

Par conséquent, à travers l'art nous pouvons vivre plus d'une vie. Non seulement à cause des mouvements de l'imagination sensible qui nous ramènent à des temps lointains, des lieux inconnus et des réalités que nous n'anticipons jamais, mais, selon Nussbaum, parce qu'à travers l'art nous pouvons habiter l'intime d'autres êtres, comme si c'était les nôtres. Ou, comme le disait le poète Rilke, le mouvement par lequel la poésie nous guide nous permet, pour un

moment, de sauter au centre d'un être et de voir le monde comme si nous étions lui. Ce n'est pas voir à travers les êtres comme de simples fenêtres vers l'extérieur, dit le poète, mais voir de l'intérieur.

Pour le poète et la philosophe, quand on arrive à vivre cette espèce empruntée que l'art met à disposition, il est plus difficile de voir l'autre comme étranger, répulsif ou hostile, même lorsque des forces et organisations politiques ou certains médias dépeignent certains groupes et communautés comme menaçants.

La possibilité de vivre une autre vie à travers notre imagination non seulement élargit le sentimentalisme humain, mais comme nous le savons, l'art, et je cite Martha Nussbaum dans *Not for Profit : Why Democracy Needs the Humanities*, d'analyser les arguments et d'imaginer la vie du point de vue de quelqu'un qui n'est pas nous.

Partant de cette compréhension du rôle que l'art et l'imagination ont dans la compréhension de l'autre, cette Triennale tente d'être un lieu où s'exerce l'empathie, c'est-à-dire la capacité humaine à : faire nôtre la douleur et la joie des autres.

La proposition que nous apportons avec cette Triennale est de rassembler un ensemble d'exercices d'empathie dans lesquels chaque œuvre, chaque exposition, chaque artiste nous conduit à des pratiques collectives d'empathie qui sont esthétiques, éthiques, humaines, politiques et sociales. Et nous enseignent, comme bord l'artiste brésilien Leonilson dans un de ses tissus/ peintures, les pensées du cœur.

L'ambition énorme de ce projet est proportionnelle à la dimension des bouleversements que les sociétés et cultures humaines ont subi au point de rendre souvent réel l'impensable. C'est pourquoi cette triennale trouve dans la pratique de l'empathie son thème général, mais elle se développe et décline sur des questions telles que :

la maison ou le besoin de sa construction, reconstruction et rencontre : *Finding the Way Back Home*;

la manière dont l'histoire et les histoires s'inscrivent dans nos corps et témoignent des faits du monde : *Histories of the Body* ;

sera sur le sommeil, nos rêves, ce qu'ils nous disent de nous-mêmes, des autres et du temps : *Reclaiming Sleeping and Dreaming*;

n'oubliera pas l'exil et la façon dont trop d'entre nous ont été forcés tout au long de l'histoire à se cacher, s'exiler et fuir : Forced to Flee (Exiles and Migrations);

et la façon dont nous devons respirer, crier, dire : Avoir à respirer;

mais si le monde est cet être qui nous oblige à de nouveaux apprentissages permanents, de nouvelles façons d'écouter, d'agir et de vivre ensemble, c'est aussi le seul endroit où nous, en tant qu'êtres incarnés, pouvons aimer et pour cela cette Triennale sera aussi sur l'amour, l'amitié et l'hospitalité. Car comme l'a si bien vu Hannah Arendt dans ses textes sur saint Augustin, seul l'amour peut fonder les communautés humaines, parce que seul l'amour nous montre l'autre comme objet de notre soin. Un amour qui implique d'assumer la responsabilité du monde, de l'autre, de nous-mêmes.

Si l'amour et de telles pensées du cœur parcourent beaucoup des œuvres que nous avons vues pendant cette présentation et que nous présenterons dans nos expositions, cette Triennale manifeste la certitude qu'il est possible de partager un sous terre, il nous relie tous et nous fait partager un sens, une voix, un ciel : le Sensus Communis ;

Le partage n'est possible que si nous défendons qu'imaginer c'est penser, sentir différemment, se métamorphoser et être autre. C'est pourquoi cette Triennale est une défense de la fantaisie humaine. Parce que la phantasie nous projette à la condition d'éternels débutants et exige des termes de, en permanence, exercer le sentir, le penser, l'aimer, c'est-à-dire l'empathie.

Tous ces modes de relation dans lesquels nous sommes jetés à travers l'expérience de l'art - et c'est sa pertinence spirituelle, philosophique, sociale - impliquent que cette Triennale sera construite à travers la matérialisation de poétiques de relations pour utiliser le concept du philosophe martiniquais Édouard Glissant.

Parce que les œuvres d'art sont des dispositifs très particuliers d'exercices spirituels. À la manière de saint Ignace : chaque œuvre est une façon particulière d'examiner, de méditer et de réaliser des opérations spirituelles par lesquelles nous comprenons, sentons, pensons et expérimentons ce que c'est qu'être autre, avoir un autre corps, une autre voix, une autre langue, une autre couleur et toucher ce fond sans temps, sans histoire, sans forme, qui nous fait appartenir à une humanité commune.

C'est un projet énorme qui trouve dans les œuvres d'art des dispositifs empathiques qu'il faut activer et auxquels nous devons prêter plus d'attention parce qu'ils désintègrent la déshumanisation croissante que nous voyons venir vers nous. Une désunanisation provoquée

par la domination croissante des mécanismes numériques, par certaines forces politiques et par une sorte de surdité qui nous rend incapables de tout dialogue : nous parlons tous comme si nous avions la bouche édentée pour utiliser la métaphore brutale de Wittgenstein.

Il s'agit d'un projet animé par une énorme ambition que nous savons être partagée par vous tous et qui ne pourra se réaliser qu'avec votre soutien, votre enthousiasme, votre engagement et votre travail. Nous comptons sur vous.

Au nom de toute l'équipe ART CUT, merci!

Ejercicios de empatía

ART CUT'26: Trienal de Arte de las Universidades Católicas 2026

Me corresponde a mí el gran honor de presentar la primera Trienal de Arte de las Universidades Católicas: ART CUT.

Un proyecto ambicioso alimentado por la convicción de que los lenguajes artísticos en todo lo que evolucionan desde su investigación, creación, experiencia y mediación son un dispositivo privilegiado para establecer relaciones, diálogos y afinidades sin impedimentos culturales, lingüísticos o políticos.

Lo que proponemos es una exposición, repartida por todo el mundo, que reunirá a artistas que hablan diferentes idiomas, que desarrollan diferentes prácticas poéticas, artísticas, culturales, sociales y políticas. Común a todos ellos, es que el arte sirve de vehículo para una conversación global sobre el mundo, lo humano, nuestras alegrías y nuestros dolores.

Este es aún un proyecto en desarrollo y construcción para el cual contamos con el entusiasmo, la participación y la energía de todos ustedes. Por eso, lo que os traigo es una idea para ser transformada en cosa real por la comunidad de las universidades católicas esparcidas por el mundo. A mis palabras se añaden imágenes que verán en las pantallas y que son la atmósfera visual y material de este proyecto.

Esta Trienal aspira a ser una amplia conversación, una conversación soñada por su eminencia el cardenal Tolentino de Mendonça y que se realizará en múltiples geografías, con un equipo curatorial amplio y en diálogo con las diversas instituciones. Un equipo colectivo para un proyecto común donde arte, educación y cultura se relacionan y muestran su centralidad en el desarrollo de sociedades inteligentes, humanas y empáticas.

¿Por qué el arte para desarrollar estos diálogos?

Porque desde que inventamos el arte, descubrimos ser capaces no solo de representar lo real, sino a través de estas representaciones comunicar y expresar el mundo, el humano y su espíritu. Un modo de comunicación inédito, que según Bataille, se inició en la gruta de Lascaux y que aún hoy se prolonga: inacabado, activo, potente.

Un modo de decir, amar y buscar lo humano y el mundo que tuvo (y tiene) como condición el reconocimiento del otro y la posibilidad de poder decirlo en su singularidad irreductible.

Una posibilidad en decir el otro se basa en la capacidad de ser capaces de establecer un vínculo sentimental, racional y colectivo, entre uno y el otro (cualquier otro y todos los demás). Un imperativo que resulta de un movimiento no solo racional, sino sentimental.

Si reconocer al otro está en la base de cualquier proyecto ético y moral, esa es también la condición del arte. Como dice Walter Benjamin: el arte siempre supone el todo de la humanidad como su receptor, es decir, no puede haber arte sin relación, sin alteridad, sin que uno hable y otro escuche, uno muestre y otro vea. Es decir, no hay arte sin empatía (como Worringer lo describió tan bien.)

Claro que cuando decimos arte está implícito no estamos refiriéndonos a un conjunto de objetos más o menos bien hechos, de los cuales nos gusta más o menos, sino cosas que misteriosamente condensan sentimientos y provocan en nosotros experiencias sentimentales y espirituales. El arte, con todo el misterio que lo rodea, es una experiencia sentimental a través de la cual nos decimos cosas los unos a los otros y que atraviesan diferentes épocas, culturas y geografías. Un dicho esencial en tiempos de disensiones intensas y radicales, de conversaciones imposibles y de modos de vida aparentemente incompatibles.

Partiendo de un conjunto de meditaciones filosóficas sobre arte, literatura y música, la filósofa Martha Nussbaum muestra cómo las emociones provocan sacudidas del pensamiento: upheavals of thought. *Esos abalorios que no solo amplían la capacidad humana de sentirse, sino de sentir al otro.*

El ejercicio imaginativo que hacemos para poder leer un poema, ver una pintura, una película o escuchar un tema musical, implica no solo la activación de nuestra fantasía, sino establecer relaciones entre diferentes personajes, elementos, perspectivas, modos de ver y ser. Y en estas diferentes experiencias el lector, el espectador, el oyente de música, aprende a apreciar las vidas emocionales de los demás.

Por lo tanto, a través del arte podemos vivir más de una vida. No solo por los movimientos de la imaginación sensible que nos llevan a tiempos lejanos, lugares desconocidos y realidades que nunca anticipamos, sino, según Nussbaum, porque a través del arte podemos habitar el íntimo de otros seres, sintiendo sus pasos, miedos, deseos, como si fueran nuestros. O, como dijo el poeta Rilke, el movimiento a través del cual la poesía nos guía nos permite, por un

momento, saltar al centro de un ser y ver el mundo como si fuéramos él. No es ver a través de los seres como meras ventanas hacia el exterior, dice el poeta, sino ver desde dentro.

Para el poeta y la filósofa, cuando conseguimos vivir esa especie debida prestadas que el arte pone a disposición, es más difícil ver al otro como extraño, repulsivo o hostil, incluso cuando fuerzas y organizaciones políticas o ciertos medios pintan ciertos grupos y comunidades como amenazantes.

La posibilidad de vivir otra vida a través de nuestra imaginación no solo amplía el sentimentalismo humano, pero, como sabemos, el arte, y cito a Martha Nussbaum en *Not for Profit: Why Democracy Needs the Humanities*, nos enseña a pensar críticamente, analizar argumentos e imaginar la vida desde el punto de vista de alguien que no somos nosotros.

Partiendo de esta comprensión del papel que el arte y la imaginación tienen en la comprensión del otro, este Trienal intenta ser un lugar donde se propone ejercitar la empatía, esto es, ejercitar la capacidad humana en: hacer nuestro, el dolor y la alegría de los demás.

La propuesta que traemos con esta Trienal es reunir un conjunto de ejercicios de empatía en los que cada obra, cada exposición, cada artista, nos lleva a prácticas colectivas de empatía que son estéticas, éticas, humanas, políticas y sociales. Y nos enseñan, como borde el artista brasileño Leonilson en uno de sus tejidos/ pinturas, los pensamientos del corazón.

La enorme ambición de este proyecto es proporcional a la dimensión de los trastornos que las sociedades y culturas humanas han sufrido hasta el punto de hacer muchas veces lo impensable real. Por eso esta trienal encuentra en la práctica de la empatía su lema general pero se expande y declina en cuestiones como:

la casa o la necesidad de su construcción, reconstrucción y encuentro: Encontrar el camino de vuelta a casa;

el modo en que la historia y las historias se inscriben en nuestros cuerpos y dan testimonio de los hechos del mundo: *Histories of the Body*;

será sobre el sueño, nuestros sueños, lo que nos dicen acerca de nosotros mismos, los demás y los tiempos: *Reclaiming Sleeping and Dreaming*;

no olvidará el exilio y la forma en que demasiados de nosotros han sido forzados a lo largo de la historia a esconderse, exiliarse y huir: *Forced to Flee (Exiliados y Migraciones)*;

y la forma en que tenemos que respirar, gritar, decir: Tener que respirar;

pero si el mundo es ese ser que nos obliga a permanentes nuevos aprendizajes, nuevas formas de escuchar, actuar y vivir juntos, también es el único lugar donde nosotros, como seres encarnados, podemos amar y por eso esta Trienal será también sobre el amor, la amistad y la hospitalidad. Porque como tan bien vio Hannah Arendt en sus textos sobre San Agustín solo el amor puede fundar las comunidades humanas, porque solo el amor nos muestra al otro como objeto de nuestro cuidado. Un amor que implica asumir la responsabilidad por el mundo, por el otro, por nosotros.

Si el amor y los pensamientos del corazón recorren muchas de las obras que hemos visto durante esta presentación y que presentaremos en nuestras exposiciones, esta Trienal manifiesta la certeza de que es posible compartir un sentimiento que, subterráneamente, nos conecta a todos y nos hace compartir un sentido, una voz, un cielo: el Sensus Communis;

Compartir esto solo es posible si defendemos que imaginar es pensar, sentir diferentemente, metamorfosearse y ser otro. Por eso, esta Trienal es una defensa de la fantasía humana. Porque la phantasia nos lanza a la condición de eternos principiantes y exige tener que, permanentemente, ejercitar el sentir, el pensar, el amar, es decir, la empatía.

Todos estos modos de relación en los que somos lanzados a través de la experiencia del arte - y esta es su pertinencia espiritual, filosófica, social - implica que esta Trienal se construirá mediante la materialización de poéticas de relación para utilizar el concepto del filósofo de Martinica Édouard Glissant.

Porque las obras de arte son dispositivos muy peculiares de ejercicios espirituales. A la manera de San Ignacio: cada obra es un modo particular de examinar, meditar y realizar operaciones espirituales a través de las cuales comprendemos, sentimos, pensamos y experimentamos lo que es ser otro, tener otro cuerpo, otra voz, otra lengua, otro color y tocar ese fondo sin tiempo, sin historia, sin forma, que nos hace pertenecer a una humanidad común.

Este es un proyecto enorme que encuentra en las obras de arte dispositivos empáticos que es necesario activar y a los que debemos prestar más atención porque desinstala la creciente deshumanización que vemos venir hacia nosotros. Una deshumanización provocada por el creciente dominio de los mecanismos digitales, por ciertas fuerzas políticas y por una especie de sordera que nos hace incapaces de cualquier diálogo: todos hablamos como si tuviéramos la boca desdentada para usar la metáfora brutal de Wittgenstein.

Este es un proyecto movido por una enorme ambición que sabemos ser compartida por todos ustedes y que solo será posible cumplir con su apoyo, entusiasmo, compromiso y trabajo. Contamos con ustedes.

En nombre de todo el equipo ART CUT, gracias!